

A Homenagem da Faculdade de Direito á memoria do prof. Mario Castro

Discurso pronunciado pelo prof. JOAQUIM AMAZONAS

Na homenagem prestada, em 18 de março de 1939, á memoria do prof. Mario Castro, em sessão fúnebre realizada na Faculdade de Direito, o prof. Joaquim Amazonas pronunciou o seguinte discurso :

“Exmo. sr. diretor; — srs. representantes do Interventor Federal e do Comandante da Região; — das associações e institutos culturais; — exmas. senhoras, senhores, alunos:

A Congregação desta Faculdade de Direito do Recife, aqui reunida para prestar uma homenagem distinta á memória do professor e companheiro ilustre, — mandou que viesse eu dizer, nesta solenidade, dos seus sentimentos para com o saudosissimo coléga, professor Mario de Almeida Castro.

Dura e triste incumbencia, para mim, no seio da corporação, o mais antigo, e o mais intimo amigo, do morto inesquecivel.

Dura, na verdade, e bem triste missão que, todavia, foi-me impossível recusar.

E aqui estou, presa da mais viva emoção, para dizer em nome da Congregação, que êle tanto honrou e dignificou, como no meu próprio, todo o nosso sentimento pela perda irreparável.

A última vêz que o tive em minha casa, sete mezes exátos hoje ha, foi em dia de tristêza, e de dôr sem limites, para o meu coração.

Eu acabava de perder um filho, que enchia a minha vida de encantos e de esperanças!

Encantos que vinham de desaparecer! Esperanças que se achavam mortas, bem mortas, e para sempre!

Vi-o chegar. Lento e grave. Um musculo só da face não se movia. Entrou. Abraçou-me. A custo, e baixinho, pronunciou unicamente o meu nome. E uma palavra mais não disse.

Quedou imóvel, de pé, silencioso, durante talvez uma hora, ante o esquife daquele que se fôra de minha companhia!

Depois... abraçou-me, novamente, sem uma palavra dizer. E se retirou, lento e grave, como entrára!

Aquele vira e compreendêra, e sentira a imensidade da minha dôr; como lhe senti e compreendi a grandeza do sentimento amigo que lhe invadira, também, a alma!

Conheci-o, de longa data. Não saíra ainda da Faculdade, onde cursava a última série, não ingressára ainda eu no velho instituto, então ocupando os frios e soturnos corredores, as escuras salas do velho edificio onde fôra o antigo Colégio dos Jesuitas. Onde, como um grande contraste, em vez das passadas pesadas, das continuas orações dos grandes desbravadores da terra brasileira, como Nobrega, como Anchieta, corria e garulava uma mocidade estuante de energias, e de alegrias infindáveis.

A sua formatura coincidiu quasi com o meu ingresso no primeiro ano do curso. E não nos separamos mais. Quando faleceu, havia já mais de quarenta e dois anos de nosso primeiro encontro, e do estabelecimento da mais sólida amizade, como a que nos uniu sempre.

Filho da Bahia, Mario de Almeida Castro era pernambucano pelo coração, pela educação, e pela familia que aqui constituiu. Aqui viveu sempre, aqui se radicou de modo absoluto, aqui vieram repousar os seus restos mortais.

Teve letras classicas realmente notaveis; conhecia o latim, como poucos hoje o sabem.

Escorreito na frase, tinha ao escrever a preocupação do castiço. Da perfeição. Da clareza.

Os seus trabalhos escritos, desde moço, primavam por esses traços de superioridade, que êle queria sempre atingir. E cada frase êle polia, e tornava a polir, para que brilhasse como a lamina de aço purissimo de uma espada de Tolêdo.

Era incisivo e fôrte no escrever. E claro. E conciso.

O mesmo já não era ao expor oralmente, porque, com a idéia da maior perfeição possivel, dizia-me êle tantas vezes, não conseguia dizer em poucas palavras, como escrevendo.

A sua voz era forte, mas não tonitroante, sem retumbâncias. Um pouco metálica, talvez, salvo nos momentos em que a emoção o empolgava, porque então tinha uma resonância diversa, especial e comovente, penetrando fundamente aos onvintes, emocionando ao auditorio.

Mas evitava, quanto possivel, a tribuna. Era, assim, mais um homem de gabinête, e de estudos na solidade, que de oratoria facil. Nunca, pois, foi o que chamamos um orador, nem mesmo um tribuno, que nunca quiz ser.

Nunca teve a preocupação de agradar, nem a da popularidade, com sacrificio de sua personalidade. Era, no entanto, lhano e afavel, prendendo a atenção com sua natural cortezia, a todos acolhendo com natural simpatia.

Foi magistrado, porém pouco tempo serviu á carreira. Foi e seria sempre um magistrado completo, pelo amor ao estudo, pelo espirito de pesquisa e da minudência, sem perda alguma para a sua alta capacidade para as generalizações, e para a apreciação, em conjunto e traços largos, de todos os casos e situações que se lhe apresentavam, — ao lado da solidez da cultura classica e jurídica, como de uma honestidade perfeita.

Assim dotado, Mario de Almeida Castro seria, em qualquer país do mundo, um grande magistrado.

Não o seduziu, porém, a carreira da magistratura. Deixou-a logo, ingressando nessa outra, tambem do serviço da Justiça, — a Advocacia.

E como poderia ter sido um grande magistrado, foi um grande advogado, a sua vida tóda.

Aí estava, na advocacia, o *habitat*, por excelência, de seu espirito superior, de sua aguda intelligência, de seu saber profundo.

Advogado, na verdadeira expressão e significação do termo. Advogado, mais que tudo, eis o que foi Mário de Almeida Castro.

Em quarenta e mais anos de vida profissional, êle a exerceu, a advocacia, como um grande sacerdocio ; e sempre com uma superioridade de attitude, e de étira, que serão sempre exemplo a quem queira encontrar e procure um modêlo perfeito.

E haverá profissão mais alta e mais bela, que esta de defender a todo o instante, e a toda a hora ? Porque essa é a missão sublime do advogado: defender, mesmo a risco de perder a cabeça, como Malesherbes,

que, indo defender a do rei de França, entregava também a sua ao cutelo da guilhotina.

O advogado, senhores, defende sempre. A sua vida, a sua missão é defender. E mesmo quando acusa, defende, porque corre em defesa de outrem, e sempre do direito.

E Mário de Almeida Castro defendeu até morrer...

Os seus trabalhos no fôro são inumeros, infelizmente esparsos, sôbre os mais variados assuntos. E em todos êles, sempre e sempre, a purêza e perfeição do estilo, da frase, ao lado do perfeito conhecimento do direito, do estudo completo da hipotese em equação, com toda a lisura, sem nada omitir, nem ocultar, sem nenhum exagêro, sem ponto algum deixar por analisar.

Depois, já advogado notavel, apresentou-se a esta Congregação e dela, por concurso, lhe reclamou o logar que aqui lhe competia, ingressando no magisterio, como professor da cadeira do Direito Judiciário.

E esse logar a Congregação lh'o concedeu, reconhecendo o valor e o mérito do candidato, pelas téses que apresentou e que, com galhardia e brilhantismo, perante ela sustentou, bem comprovando o conceito em que era tido.

E eil-o feito professor, entre nós outros de então, que abrimos alas para recebe-lo. Professor a quem um só defeito se podia encontrar: o maior desejo, cada dia, de ensinar melhor e mais; ou antes, querendo que os discipulos aprendessem mais e melhor. Por isto, tantas e tantas vezes m'o disse prelecionando, não sabia ser conciso. Receiava sempre que os alúnos o não tivessem bem compreendido, levando-o, quasi sempre, a ser prolixo, repetindo e tornando a repetir melhor, cada ensinamento.

E' que, segundo e seguindo o conselho de velhos sábios, temia sempre saber pouco e menos ensinar, quando na verdade sabia tanto e ensinava muito.

Era perfeito conhecedor, não somente da materia que lhe cabia ensinar, mas do direito todo. Provou-o so-bejamente quando, em curtissimo espaço de tempo, que lhe foi concedido, a convite do governo, formulou o "Projéto do Código do Processo Civil e Comercial do Estado de Pernambuco" um dos melhores, dos mais completos, e dos mais perfeitos, dentre os que se promulgaram no Brasil republicano de 1891, quando a carta constitucio-nal dava aos Estados o poder e competência para legis-larem em matéria processual, código contendo disposi-ções originaes, e que logo fôram adotadas em todo o país, como as relativas ao processo dos agravos de instrumen-to e cartas testemunháveis.

Durante mais de quarenta e dois anos, senti o afe-tuoso de sua amizade.

Saindo da Faculdade, bacharelado, cerca de cinco anos depois d'ele, ingressei nesta Congregação cêrca de dez antes de Mário.

Acompanhou-me ele, porém, minuto por minuto, na grande batalha de mais de tres anos, para a conquis-ta da minha cadeira, assistindo, preocupado e tento, emocionado como meu pai, bem perto a mim, sem perder uma só frase, nem uma só frase, com um interesse e uma ansia, que o faziam sofrer intensa e imensamente.

A sua presença no salão das provas, um estímulo vigoroso para mim, eu o sentia, era para ele sacrificio verdadeiro; porém quiz sempre, em pessoa, significar que á minha luta ele se ligava pela amizade que nos unia, que a minha conquista era tambem um pouco sua, e, ainda, queria ser ele quem fosse levar a meu pai, afas-tado do local, esmagado pela expectativa, a noticia e a impressão de cada prova desenrolada.

Mais um traço final, senhores, de quem era Mario de Almeida Castro, antes que ponha final às toscas, mas sinceras, frases que alinharei em memoria do amigo saudosissimo que perdi, do professor completo e consciencioso que esta Faculdade perdeu.

Mario, senhores era, sobretudo, e principalmente, coração. Aparentemente frio e seco, grave, ou mesmo cético, era, no entanto, de rara e grandissima sensibilidade.

Quem o conheceu na intimidade, como eu, tantos e tantos anos, quem o viu sempre, sem um dia nunca, enquanto viveram, poder passar um dia sem ver e visitar os velhos pais; quem o viu sempre preocupado com o bem estar e o socego daquelas criaturas que lhe haviam dado o ser; — quem o viu, sempre e sempre, a olhar para os irmãos e para as irmãs; quem o viu sempre a querer e a cuidar, tão carinhosamente, das boas velhinhas, mãe e tia, que lhe trouxe a esposa amantissima e á cunhada, e aos sobrinhos; — quem o conheceu, sempre, o pai encantado das filhas e do filho; — quem assim o viu sempre, e o conheceu, que não dirá tendo-o tambem visto, Avô, avô que se fazia criança, como eles, em meio aos netos?

E ainda quem o conheceu esposo, como ele foi, cuidadoso da mulher a quem tanto queria, quem o conheceu, assim, no seio da familia, que não dirá sinão que ele era, sem duvida, um “Homem-Coração”?

Sim, coração, principalmente, grande, generoso e amigo, o que ele era. Coração que abrigava só sentimentos bons, a transbordarem daquela alma boa e simples, a atrair, com sua simpatia, todos os que tinham a dita de seu conhecimento.

A' ultima vez que o vi, em sua casa, eu tinha, como para sempre o tenho, o luto n'alma.

Horas apenas, antes de sua partida, pela ultima vez, caminho do Rio de Janeiro, para a vida que sempre o empolgou. Eu o via, pela ultima vez, em seu lar então feliz, hoje cheio de lagrimas e tristezas.

Estava alegre, porque ia para a vida: para o pretorio, para um grande pretorio, para onde levava tambem o seu coração e, — MAIS QUE ISTO, — o coração de uma filha. Mas a sua alegria era triste, como si tivesse o pressentimento da morte que se aproximava, e que êle tantas vezes, nos ultimos tempos, me dizia estar prestes, a lhe rondar os passos.

Ria, é verdade, mas o seu riso era contrafeito. Era contente e alegre, mas a sua fronte denunciava só tristezas. O riso triste, a voz grave, no conversar, tinham ressonancias que lhe traíam a preocupação do espirito

Ia partir, e só me falava na volta proxima. Só o dever do advogado e do pai o faziam seguir... Eu o senti, profundamente.

Pobre e caro Mário, que não voltou, que não mais viu ás filhas queridissimas, ao filho que tanto estremeia, aos seus todos, a quem queria tanto, e aos nétos adorados... Mário que teve, em alto mar, só e só, longe de todos os outros, a lhe receber o último alento, a dedicada e amantissima, a amadissima esposa, heroica a defender a vida de quem para ela tudo era, sem ter quem a ajudasse a fazer das fraquezas a força grande que a susteve, emquanto êle viveu, e que lhe serviram para trazer até a terra de seus filhos o corpo inanimado do marido e pai.

Mário, que não mais viu a casa, onde tão feliz era, rodeado da mulher, dos filhos, dos nétos! Nem mais reviu aos amigos! Nem mais reviu esta sua Faculdade!

Mário, amigo e coléga, cujo corpo somente, sem aquela alma bôa e tão simples, como de uma creança grande, fomos nós buscar um dia, vindo pelo amor, trazendo-o para mais uma última vez atravessar os hum-

brais do palacio desta sua e nossa mui querida Faculdade, por momentos aqui ficando, só e unicamente, para receber o nosso último adeus, resonando por estas arcadas, e seguir para a campa onde foi repousar, onde repousará para sempre ! . . .

Mário de Almeida Castro, — amigo e coléga diletíssimo — os professores da Faculdade de Direito do Recife, a qual pertenceste, rendem-te hoje, e às tuas virtudes, nesta solenidade, sua homenagem de saudade, e de recordação, que as futuras gerações de alunos desta escola hão de perpetuar, repetindo o teu nome, emquanto pelas abobadas deste palacio resoarem as lições do direito e a pregação da Justiça: MARIO DE ALMEIDA CASTRO . . .”
